

## **Intercultura nas Escolas e na Formação de Professores de Línguas: O Exemplo do Curso de Letras-Italiano da UFPR**

**Interculture in schools and in the language teacher training: the example of the italian course of the UFPR**

Paula Garcia de Freitas\*

\*Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba - PR, 80060-000,  
 e-mail: paulifreitas@hotmail.com

**RESUMO:** *Intercultura nas escolas: o italiano como língua e cultura na rede pública de ensino* é um dos projetos de iniciação à docência vinculados ao Licenciamento, um programa institucional cujo objetivo é apoiar as Licenciaturas da Universidade Federal do Paraná por meio da oferta de bolsas aos alunos, da orientação aos coordenadores, do acompanhamento pedagógico dos projetos e da organização e promoção de eventos para discussão e socialização dos conhecimentos gerados a partir de projetos. O projeto do italiano, coordenado por mim há oito anos, procura promover uma formação de professores fundamentada desde os primeiros semestres do curso, possibilitando aos graduandos e às crianças da rede municipal de Curitiba, parceira do projeto, o desenvolvimento da própria competência intercultural. No ano de 2017, foram oferecidas Oficinas de sensibilização à língua e à cultura italiana em duas escolas da cidade, cujos trabalhos, desde a fase de planejamento até a finalização, são relatados neste artigo. Apresento também algumas considerações sobre o meu processo de amadurecimento na formação de professores de italiano como língua estrangeira.

**PALAVRAS-CHAVE:** formação de professores; línguas estrangeiras; intercultura.

**ABSTRACT:** *Interculture in schools: Italian as a language and culture in the (Brazilian) public schools* is one of the projects of Teacher Training of the Licenciamento, an institutional program whose objective is to support the Licenciaturas, the Teacher Training Courses, of the Federal University of Paraná through the offer of scholarships to the students, orientation to coordinators, pedagogical accompaniment of projects and the organization and promotion of events for discussion and socialization of knowledge generated from these projects. The Italian project, coordinated by me for the last eight years, seeks to promote a teacher training since the first semesters of the course, enabling graduates students to develop their own intercultural competence and that of their students, children of the municipal schools of Curitiba (Paraná, Brazil), partners in the project. In 2017, workshops to raise awareness of Italian language and culture were offered in two schools in the city, whose planning, progress and results are reported in this work. I also present some considerations about my maturation process in the training of teachers of Italian as a foreign language.

**KEYWORDS:** Teacher Training; Foreign Language Teaching; Interculture.

*Una lingua diversa è una diversa visione della vita.*

Federico Fellini

## INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) foi um marco para as línguas estrangeiras ditas “minoritárias”, por recomendar a oferta de pelo menos uma língua estrangeira (LE) no currículo, dentro das possibilidades das instituições de ensino. Acreditávamos que haveria mais espaço para o ensino de diferentes línguas, mas, na prática, nesses mais de 20 anos, poucas escolas da Federação brasileira abriram a oferta para além do ensino da língua inglesa. Nesse contexto, cursos de Licenciatura em Línguas Estrangeiras do país se deparam com a difícil missão de proporcionar uma formação linguística e profissional sólida que promova a inserção ativa de seus alunos nas escolas.

Por essa razão, os cursos do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFPR (DELEM) incentivam a participação de seus alunos nos projetos do Programa Licenciar da UFPR, cujo principal objetivo é incrementar a articulação entre ensino na Licenciatura e as demandas de todos os níveis educacionais. A participação nesses projetos permite que alunos dos cursos de espanhol, francês, italiano, japonês e polonês<sup>1</sup> atuem em todos os níveis da Educação Básica, conheçam sua realidade e proporcionem a crianças e adolescentes a oportunidade de conhecer diferentes línguas.

O projeto “Intercultura nas escolas: o italiano como língua e cultura na rede pública de ensino” é um dos projetos de LE vinculados ao Licenciar. Coordenando as ações do italiano no Licenciar há mais de oito anos e vejo o crescente interesse dos alunos da Licenciatura desse idioma pelo projeto. Nesse período, ofertaram-se cursos de italiano no contraturno do Ensino Médio e do Ensino Fundamental II e, nos últimos anos, nos Centros de Educação Integral (CEIs) de Curitiba<sup>2</sup>, atendendo alunos do Ensino Fundamental I. Com base na experiência à frente do projeto, considero que esse último contexto seja o que está dando melhores resultados, tanto no que diz respeito à atuação e ao engajamento dos bolsistas quanto no que concerne à aprendizagem e ao aproveitamento das crianças, reflexo, talvez, de uma série de ações, tais como:

---

<sup>1</sup> O curso de polonês migrou para o Departamento de Polonês, Alemão e Clássicas (DEPAC).

<sup>2</sup> A Rede Municipal de Ensino de Curitiba oferta em muitas de suas escolas o tempo integral, [...] organizadas para atender uma rotina de nove horas diárias e articular as áreas do conhecimento e os saberes escolares às “práticas educativas” voltadas à leitura e escrita, à arte, ao esporte, ao lazer, à cultura, à educação ambiental à experimentação científica e ao uso das tecnologias, conforme informações disponíveis no Portal de Serviços de Curitiba (CURITIBA, s. d.).

- a) Limitar o público-alvo e a sua faixa etária. Essa decisão permitiu o estudo mais aprofundado das necessidades das crianças, de suas habilidades e anseios.
- b) Abandonar o “contraturno” e transformar as aulas de língua italiana em atividade regular do período integral. O impacto dessa mudança foi extremamente positivo, já que existe uma sala para as atividades do italiano, com horário e frequência regulares, além da presença de um professor regente durante as aulas. Isso tem permitido que os bolsistas se sintam mais “professores”, por se preocuparem mais com questões relativas à preparação de aulas condizentes com o contexto de ensino e menos com os problemas de indisciplina. Hoje essa questão, quando aparece, fica a cargo do professor regente.
- c) Ressignificar o conceito de “aula de língua estrangeira”. Há a crença de que não é possível aprender uma LE na escola pública, talvez porque não se tenha clareza sobre o que deve ser ensinado/aprendido: se conteúdos, habilidades (linguísticas e comunicativas) ou se ambos – e muito mais! Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Línguas Estrangeiras – (PCN-LE) (BRASIL, 1998) incentivam o ensino da LE para o desenvolvimento de habilidades, com ênfase na leitura. No entanto, o que se vê em sala de aula é ainda a estruturação de cursos a partir de conteúdos linguísticos. No caso do ensino da língua inglesa, por exemplo, muitos lamentam que as aulas se resumam à “eterna revisão do verbo *to be* durante os sete anos de ensino de língua estrangeira garantidos pela legislação” (MICCOLI, 2016, p. 17), o que permite entender a aula de LE como apresentação e revisão de conteúdos gramaticais da LE.

Os bolsistas do ensino da língua italiana do Licenciado também trazem essa crença para o projeto e, ao prepararem suas primeiras aulas, procuram estabelecer os conteúdos “mais relevantes” a serem trabalhados. Por isso a importância de resignificar a aula de LE, na tentativa de romper com essa crença e compreender que é possível ensinar-aprender uma LE de muitas maneiras. No caso do italiano, há ainda a “liberdade” para se testarem diferentes concepções de aula de LE, já que seu ensino é visto como atividade “extra”. Assim, diante da carga horária à disposição dos bolsistas, das habilidades e dos temas que desejam desenvolver com as crianças, oferecem-se agora *Oficinas de sensibilização à língua e à cultura italiana* nas escolas. O novo título permite a

interpretação do que se quer promover: acesso a diferentes culturas e o entendimento de que somos parte de um povo que deve conhecer, aceitar, comparar e até adotar outras posturas ou comportamentos (ROCHA *et al.*, 2010). Aplica-se, portanto, a noção de aula de LE para a promoção da *visão Intercultural*, isto é, uma aula que “envolve o aprendiz em um processo de transformação de si mesmo, de sua capacidade de se comunicar e de entender a comunicação e suas habilidades para o aprendizado contínuo” (LIDDICOAT, *et al.*, 2003, p. 16).

- d) Oferecer uma disciplina optativa para tratar de questões teórico-metodológicas intitulada *Ensino do italiano como LE*, idealizada para permitir que alunos a partir do terceiro semestre da Licenciatura em italiano se familiarizem com termos e temas tratados na Linguística Aplicada.
- e) Divulgar as atividades do italiano no Licenciar em eventos científicos. Essa ação incentiva os bolsistas a teorizarem sobre a prática, fundamentarem suas escolhas, exercitarem a criação de textos acadêmicos – orais e escritos – e disseminarem conhecimento.

Tais ações se justificam por contribuir para diminuir distâncias: entre a teoria sobre ensino de LE e a prática docente; entre a Universidade e a Escola; entre a Licenciatura em Italiano e a Educação Básica; entre os conhecimentos da LE adquiridos e aqueles mobilizados para a atuação em sala de aula e, enfim, entre a língua e a cultura italiana e a brasileira. Espera-se potencializar uma formação inicial do professor de italiano em consonância com o que García (1999, p. 99) chamou de “conhecimento didático do conteúdo”, isto é, um conhecimento didático do que ensinar, que se adquire à medida que se compreende o que se aplica.

Nos próximos parágrafos descrevemos mais detalhadamente o trabalho realizado no ano de 2017, resultado do amadurecimento e engajamento na formação de professores.

## 1 CONTEXTO EM QUE O PROJETO ESTÁ INSERIDO

*Intercultura nas escolas: o italiano como língua e cultura na rede pública de ensino* é um dos projetos vinculados ao Programa Licenciar, cujo objetivo é apoiar as

Licenciaturas da UFPR, por meio da oferta de bolsas aos alunos, da orientação aos coordenadores, do acompanhamento pedagógico dos projetos e da organização e promoção de eventos para discussão e socialização dos conhecimentos gerados a partir de projetos, conforme informações disponíveis no *site* da Pró-Reitoria de Graduação e Educação Profissional da universidade. O edital de seleção de propostas para o programa é lançado no mês de março pela agora Coordenação de Atividades Formativas e Estágios (COAFE), antiga COPEFOR, órgão responsável por articular as ações de formação dos estudantes de Licenciatura.

As atividades do projeto do italiano se dão em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba (SME), que promove, no fim do mês de maio, uma reunião entre o DELEM e os diretores dos CEIs interessados em oferecer uma LE em suas escolas. Pode-se dizer que a SME faz a mediação entre a UFPR e as escolas.

No período de março a julho acontecem ainda: a) a seleção ou a renovação dos bolsistas; b) as primeiras reuniões para organizar possíveis temas, conteúdos ou habilidades a serem trabalhados com o público-alvo; c) a leitura de textos que embasam as escolhas metodológicas; d) a ida aos CEIs e; e) a elaboração dos primeiros planos de aula. Tais ações visam a preparar os bolsistas para a prática docente, que acontece efetivamente no segundo semestre do ano.

Possíveis bolsistas, professores de italiano e interessados em geral são convidados a participar, ainda no primeiro semestre, dos encontros da disciplina optativa de 45h *Ensino do italiano como LE*. Nessa disciplina, abordam-se conceitos importantes, como L1, L2 e LE; metodologias, técnicas e abordagens de ensino; conteúdos e habilidades a serem considerados nas aulas de LE; planejamento de curso, de aula e de atividade, dentre outros assuntos.

A participação do bolsista na disciplina não é obrigatória, mas é altamente recomendável, já que o projeto aceita alunos a partir do 3º semestre, após 240 horas de língua. Nesse estágio do curso, percebe-se que a disciplina ajuda a preparar os bolsistas para atuação em sala de aula, pois permite “o domínio de alguns conceitos que nem pensava que podiam influenciar (nas aulas)”, conforme relato de bolsistas. Trata-se, portanto, de uma parte importante da formação dos licenciados em italiano.

Todas as atividades realizadas no primeiro semestre preparam os bolsistas para conduzir os cursos do segundo semestre nos CEIs atendidos pelo convênio DELEM/SME. Tais cursos têm carga horária total de 30 horas, distribuída em aulas de 2 horas, que acontecem uma vez por semana.

Há incentivo para que bolsistas dos projetos vinculados ao Licenciatura participem do Encontro de Atividades Formativas (ENAF) durante a Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE), em outubro, e relatem suas ações. Além desse evento, bolsistas do projeto do italiano participam também da Semana do Calouro em Letras, da Semana de Letras e de outros encontros que permitem a discussão sobre o ensino e a aprendizagem de LE.

O quadro a seguir sintetiza as ações anuais previstas para o projeto do italiano no

Quadro 1 – Cronograma de atividades Licenciatura

Intercultura nas escolas: o italiano como língua e cultura na rede pública de ensino

ATIVIDADE	RESPONSÁVEL	PERÍODO														
		FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	
lançamento do edital para seleção de projetos	COPEFOR															
oferta da disciplina optativa Italiano como LE	DELEM/ ÁREA DE ITALIANO															
oferta do curso nas escolas	BOLSISTAS E VOLUNTÁRIOS															
participação de eventos para relato de experiência	COORDENADOR, BOLSISTAS E VOLUNTÁRIOS															
preparação do curso, das aulas e dos materiais	COORDENADOR, BOLSISTAS E VOLUNTÁRIOS															
reconhecimento das escolas	COORDENADOR, BOLSISTAS E VOLUNTÁRIOS															
reunião entre o coordenador do projeto e os diretores dos CEIs de Curitiba	SME															
seleção dos bolsistas	COORDENADOR															
elaboração do relatório	COORDENADOR, BOLSISTAS E VOLUNTÁRIOS															
entrega do relatório à COPEFOR	COORDENADOR															

Licenciatura:

Fonte: Elaboração da autora.

No ano de 2017, a então COPEFOR avaliou o mérito da proposta de continuidade do projeto e deu-lhe três bolsas (número máximo). Divulgou-se, então, o edital de chamada de bolsistas, para o qual houve seis candidaturas. Foi necessário fazer uma classificação para distribuição das bolsas, e um aluno solicitou para participar do projeto como voluntário. Quatro alunos participaram então das ações de 2017.

Dos quatro alunos, três já participavam dos encontros da disciplina *Ensino do Italiano como LE*, oferecida no primeiro semestre daquele ano. Cumprindo-se o cronograma apresentado no Quadro 1, realizaram-se reuniões semanais de planejamento/acompanhamento dos bolsistas, visitas prévias às escolas, (re)conhecimento do público-alvo, atuação nas escolas e relatos de experiências.

A atuação nas escolas consistiu na oferta de 30 horas de *Oficinas de sensibilização à língua e à cultura italiana* em dois CEIs de Curitiba. Em ambos os centros, as oficinas foram oferecidas a alunos do 5º ano do Ensino Fundamental: em um deles, havia uma turma de 15 alunos; no outro, duas turmas de 35 alunos.

Bolsistas e voluntário eram acompanhados por um professor da escola, chamado de “professor regente”, isto é, um professor disponibilizado pelo CEI para acompanhar as aulas de italiano, auxiliar os bolsistas na condução das aulas, na contenção da indisciplina e na sugestão de temas e conteúdos.

Quatro oficinas foram implementadas nessas duas escolas com o objetivo de distinguir conceitos como descendência, tipicidade, origem e pertencimento e, assim, despertar os alunos para o confronto entre diferentes culturas, em especial entre a brasileira e a italiana.

## 2 OBJETIVOS

O projeto “Intercultura nas escolas: o italiano como língua e cultura na rede pública de ensino” tem como principal objetivo inserir os alunos de Licenciatura em Italiano em contextos que contribuam para: a) a valorização dessa língua e de seu ensino; b) a formação linguística e profissional de alunos da Licenciatura; c) o reconhecimento da escola pública como um espaço de formação e atuação profissional; d) a ampliação de conhecimentos dos envolvidos.

São pelo menos três frentes para a formação dos bolsistas com objetivos distintos: o projeto, a disciplina optativa e as oficinas.

São objetivos do projeto: a) aproximar a Licenciatura em Italiano da UFPR da Escola por meio da oferta de curso de italiano para alunos dos CEIs de Curitiba; b) proporcionar uma experiência docente para os alunos dessa Licenciatura, com todas as atividades derivadas desta função; e c) sensibilizar alunos de colégios públicos municipais de Curitiba sobre o aprendizado da língua e da cultura italiana.

A disciplina *Ensino do Italiano como LE* tem o objetivo de: a) proporcionar o estudo das principais teorias sobre o ensino e a aprendizagem de italiano como LE, em especial o que é produzido em contexto brasileiro; b) discutir assuntos relativos à formação profissional por meio da língua italiana e, assim, aumentar as possibilidades de exposição, produção e de aprendizagem da LE estudada na Graduação; e c) capacitar os alunos para o planejamento de cursos, aulas e ações para o ensino da língua italiana.

Já as oficinas de sensibilização à língua e à cultura italiana objetivam: a) articular a prática e os conhecimentos relativos à formação profissional por meio do planejamento de cursos, aulas e ações fundamentadas; b) permitir o confronto entre a

própria cultura e a cultura italiana e, assim, estimular o interesse dos alunos por diferentes culturas; e c) propor percursos didáticos capazes de estimular a competência para adquirir novos conhecimentos e para explorar ao máximo a cultura da LE.

### 3 CONTEÚDOS CURRICULARES PRIORIZADOS

Diante dos objetivos apresentados, em 2017, o projeto do italiano no Licenciado procurou mobilizar conteúdos de diferentes áreas, como da Educação, da Linguística Aplicada, da Psicologia, da História e da Geografia.

Recorreu-se à Educação para compreender a Educação Básica, as políticas para o ensino de línguas no Brasil e as diferentes concepções de ensino.

A Linguística Aplicada sustentou as escolhas metodológicas para o ensino da LE. Para isso, foi necessário definir LE, isto é, uma língua diferente daquela do aluno, aprendida no seu próprio país e normalmente em contexto de sala de aula (BALBONI, 1994) e diferenciá-la de L1 e L2, não só do ponto de vista conceitual, mas também no que diz respeito às práticas de ensino relacionadas a elas. De acordo com Balboni (1994), a L1 é a língua que o indivíduo adquire, normalmente na primeira infância, a partir do convívio com os pais ou outros membros da família, enquanto a L2 é adquirida por um estrangeiro ao morar em outro país. Considerando que estamos ensinando italiano no Brasil, foram estudadas, a fim de embasar todas as ações, noções das principais metodologias, técnicas e abordagens de ensino de línguas, conteúdos e habilidades a serem considerados nas aulas de LE, tipos de atividades e seus efeitos na aprendizagem de LE.

A Psicologia permitiu o entendimento do público-alvo e suas características físicas, emocionais e comportamentais a serem consideradas durante a preparação das aulas. Entendemos, por exemplo, que crianças de 9 a 12 anos têm um senso crítico bastante acentuado, adoram fazer atividades físicas em alternância com momentos de concentração, têm capacidade de aprender indiretamente, apresentam uma imaginação viva, são criativas e amam falar (MUR, 1998).

Conceitos como “cultura”, “tipicidade”, “origem” e “pertencimento” vieram das disciplinas de História e Geografia e nortearam a escolha dos temas tratados nas Oficinas.

Além desses conteúdos, tratados ora nas reuniões com os bolsistas, ora na disciplina optativa ou ainda para suprir necessidades pontuais na elaboração do material de ensino, há dois outros conceitos fundamentais que norteiam as atividades do projeto: a noção de “tarefa” e, como o próprio título do projeto sugere, de “intercultural”. A união desses dois conceitos permite que bolsistas proponham percursos didáticos voltados para ações que estimulem a aprendizagem de novos conhecimentos – linguísticos e de outra natureza – e que despertem para a existência de outras culturas.

O termo “tarefa” designa uma “atividade que propicia o uso da LE para resolver uma situação, uma questão ou um problema colocado” (XAVIER, 2011, p. 52), e, para ser considerada como tal, deve ter as seguintes características: a) direcionar a atenção do aluno para o significado das enunciações; b) prever o uso comunicativo da LE; e c) demandar um resultado a partir de um propósito comunicativo colocado. Trata-se, portanto, de um saber-fazer com a LE em situações indicadas nas atividades.

São tarefas, por exemplo, atividades como “escrever cartas em que solicitem informações específicas”; “escrever um comentário em um *post* publicado em uma rede social”; “indicar, em um manual, quais são as instruções realmente necessárias para usar determinado eletrodoméstico”; “interagir na LE com o colega para comparar duas figuras e identificar diferenças entre elas”; “interagir na LE com os colegas para elaborar uma lista com os nomes dos integrantes da turma”; “criar uma história na LE com base em uma sequência de imagens”. Todas essas atividades são centradas no significado e: “a) fornecem os instrumentos necessários para que os alunos se insiram na situação; b) dotam os alunos de um propósito para se envolverem na atividade; c) criam situações nas quais há troca de informações e d) promovem uma intenção comunicativa ao processo de aprendizagem” (ZANON, 1990, p. 19).

Para facilitar a compreensão do que seja uma tarefa e a produção de atividades desse tipo, proponho aos bolsistas um esquema em que se preenche um período composto por subordinação que indica a importância de “fazer para aprender”. A frase é: “Nesta atividade, os alunos vão \_\_\_ PARA \_\_\_”. A lacuna da primeira oração deve ser completada com verbos que indicam as ações que os alunos deverão fazer durante a atividade, como interagir, criar histórias ou classificar. Já a segunda oração, ligada à primeira por meio da preposição “para”, deve ser completada com verbos que marcam a finalidade do que se declara na oração principal. A segunda oração é, portanto, o resultado comunicativo previsto pela atividade, como comparar as figuras, sequenciá-las

ou elencar ações importantes do manual, se considerarmos os exemplos apresentados anteriormente.

É importante salientar que a tarefa não determina as estruturas que os alunos devem usar, cabendo a eles utilizar seus próprios recursos linguísticos para realizar a atividade. Essa é uma das razões pelas quais acredito que essa estratégia de ensino seja uma das mais adequadas para a sensibilização à LE em um contexto de ensino como o previsto no projeto: as crianças serão capazes de se fazer entender em sua L1 com elementos da LE, desenvolvendo, assim, a sua interlíngua.

Outra razão para usar a tarefa é que ela permite um saber-fazer que estimula o desenvolvimento da “competência intercultural” dos alunos. O termo “intercultural” coloca em evidência a relação entre duas ou mais culturas, isto é, dois ou mais “conjuntos (dinâmicos) de conhecimentos que as pessoas acumulam a partir do grupo ao qual pertencem e a partir das suas experiências pessoais, principalmente no que diz respeito aos usos dos sistemas simbólicos na sua vida cotidiana” (PADILHA, 2004, p. 27).

Para Byram (1989), o ensino intercultural de LE deve ter como principal objetivo proporcionar a comparação entre culturas para que os alunos sejam instigados a questionar estereótipos, diferenças e conflitos. O autor propõe o ensino intercultural de uma LE a partir do uso da L1 para análises comparativas, seguido do ensino da LE, tanto como objeto de estudo quanto como uma maneira de experimentar o fenômeno cultural da LE. Esse procedimento forneceria ao aluno consciência linguística e cultural.

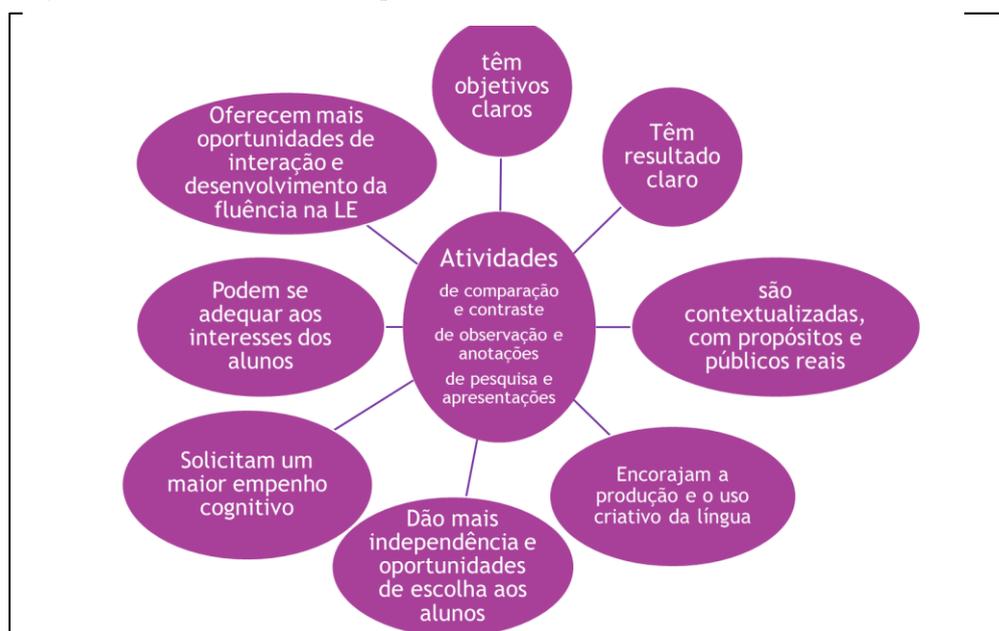
Já Liddicoat *et al.* (2003) propõem cinco princípios para a aprendizagem intercultural de uma LE. São eles:

- 1) *Princípio da construção ativa*: envolve o uso proposital da LE em uma série de tarefas.
- 2) *Princípio da criação de conexões*: requer a comparação entre o conhecimento prévio dos alunos e o novo conteúdo para uma crescente compreensão da linguagem, da cultura, de valores e sua interdependência.
- 3) *Princípio da interação social*: os alunos são instigados pelo professor e pelos próprios alunos a notar formas da LE, processos, estratégias utilizadas na realização das atividades.
- 4) *Princípio da reflexão*: pressupõe o pensamento crítico sobre as diferenças e semelhanças linguísticas e culturais, sobre o conhecimento e sobre o processo de aprendizagem.

- 5) *Princípio da responsabilidade*: considera que a aprendizagem depende das atitudes e disposições dos alunos em relação ao processo de aprendizagem. Assim, alunos reconhecem a necessidade de descentrar-se da própria perspectiva cultural e compreendem com naturalidade as múltiplas perspectivas.

Algumas palavras-chave podem ser depreendidas das leituras sobre o ensino intercultural de línguas: observação, comparação e contraste entre línguas e culturas. Essas, então, são as ações que sugiro que os bolsistas priorizem para a elaboração das tarefas: atividades de comparação e contraste; de observação e anotações e de pesquisa e apresentação, cujas características estão ilustradas na Figura 1, a seguir.

Figura 1 - Características das tarefas para o ensino intercultural



Fonte: Elaboração da autora.

#### 4. PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Para a formação dos bolsistas e voluntários do projeto do italiano no Licenciado, procuro seguir os cinco princípios de Liddicoat *et al.* (2003) apresentados anteriormente para que:

- 1) Eles se construam ativamente enquanto professores de italiano. Por isso, deixo-os livres para pensar o tema que querem trabalhar em sala de aula, *desde que*

tenha como meta o desenvolvimento da competência intercultural dos alunos. Tudo é idealizado por eles: o planejamento das oficinas, a elaboração das atividades e do material didático. Apesar dessas etapas ocorrerem sob minha orientação, as intervenções somente acontecem quando necessário.

- 2) Eles criem conexões com o que aprendem nas aulas, tanto de língua italiana quanto de outras disciplinas e com seus conhecimentos prévios de mundo.
- 3) Eles interajam! Entre si, comigo, com outros professores e com colegas que estejam participando de outros projetos de iniciação à docência. Nesse sentido, as reuniões semanais para planejamento e acompanhamento do projeto e os encontros da disciplina optativa *Ensino do Italiano como LE* se configuram como espaços de formação e de troca de experiência com outros professores de italiano, em formação ou atuantes.
- 4) Reflitam sobre suas ações enquanto alunos da UFPR, professores em formação e bolsistas do projeto. Mais uma vez, os temas e o modo como são conduzidas as reuniões e a disciplina optativa estimulam a reflexão constante sobre o ensino (e a aprendizagem) da LE.
- 5) Eles se sintam responsáveis pela própria formação. Os bolsistas incentivam seus colegas a participar do projeto justamente por se sentirem “autores e autônomos, mesmo que com supervisão constante da coordenadora”, como já relataram candidatos nas entrevistas de seleção de bolsistas.

Esta sessão está dividida em duas partes: na primeira delas, descrevo os procedimentos didáticos para a formação dos bolsistas na universidade, tanto na disciplina optativa como nos encontros para o planejamento e acompanhamento das atividades; na segunda parte, explico como se deram as oficinas de sensibilização à língua e à cultura italiana, elaboradas pelos bolsistas no ano de 2017.

#### 4.1 PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS PARA A FORMAÇÃO DOS BOLSISTAS

Semanalmente há reuniões para o acompanhamento das atividades. Nesses encontros de cerca de duas horas, bolsistas e voluntários fazem o relato do que acontece na escola, apontam problemas para os quais discutimos possíveis soluções, mostram os

planos de aula e as tarefas preparadas para as aulas que estão por vir, enfim, ajusta-se o percurso de trabalho.

Nesses encontros há também a troca de impressões sobre textos que respondam questões pontuais como: qual atividade pode potencializar a aprendizagem do tema “tipicidade”? Que língua usar em sala de aula? Os alunos vão entender se eu falar em italiano com eles? Perguntas como essas surgiram no ano de 2017 e foram respondidas à medida que se liam textos e os bolsistas atuavam em sala de aula.

Temas que exigem maior aprofundamento teórico são tratados na disciplina optativa *Ensino do italiano como LE*, cuja oferta acontece anualmente no primeiro semestre do ano letivo, desde 2014. Ela foi idealizada para apresentar os principais textos de *Glottodidattica*, isto é, da “didática das línguas”, produzidos na Itália. O objetivo era o de proporcionar a exposição dos alunos da Licenciatura em Italiano a textos de Linguística Aplicada na LE e, assim, aumentar as possibilidades de aprendizagem de conteúdos de Linguística Aplicada e da língua-alvo, concomitantemente.

Contudo, ao longo da primeira oferta, percebeu-se que a linguagem dos textos italianos estava além da capacidade de compreensão em LE de alunos que tinham recém terminado o primeiro ano de estudo formal do italiano. Outro fator que levou a mudanças nos procedimentos didáticos adotados para a disciplina foi a natureza dos textos produzidos na Itália: aqueles mais recentes selecionados para a disciplina eram, em sua maioria, dirigidos a professores que ministram aula de italiano como L2 a imigrantes que residem no país. Assim, os principais textos de *Glottodidattica* não atendiam plenamente os objetivos previstos por não discutirem o ensino de italiano como LE e por não levarem a discussões profundas sobre o tema, devido às limitações linguísticas e aos poucos conhecimentos prévios sobre o ensino e aprendizagem de línguas dos alunos.

Para as ofertas seguintes, manteve-se a ideia de usar a LE em sala de aula e, assim, aumentar as possibilidades de aprendizagem da LE. Essa língua, porém, teve que ser “calibrada”, isto é, adequada ao nível linguístico dos alunos. Priorizar a leitura de textos brasileiros sobre o ensino e a aprendizagem de línguas foi a estratégia utilizada para garantir os alunos de conhecimentos prévios da língua e da Linguística Aplicada. Após o contato com essas informações, os alunos deveriam executar tarefas prévias. Partiu-se do pressuposto de que a leitura de textos relativamente “fáceis” na L1 garantiria a compreensão total do conteúdo, sobre o qual os alunos fariam alguma tarefa

de produção na LE, que seria o resultado da reflexão e da apropriação de conceitos. Em sala de aula, essas produções seriam resgatadas para a realização de outras tarefas com objetivos de diferentes aprendizagens.

Adotou-se, portanto, uma “abordagem por tarefas” também para ensinar teoria, com atividades de comparação e contraste, de observação e anotações, de pesquisa e apresentação, entre outras, para também ajudar os bolsistas a se familiarizarem com aulas menos tradicionais, planejadas para os 15 encontros de 2017.

Os encontros da disciplina têm duração de três horas, sendo uma parte delas dedicada à exposição dialogada da teoria por meio da língua italiana. É importante ressaltar que, quando se fala em exposição, ela não se limita à “produção oral” na LE por parte da professora. Toda aula tem uma sequência de *slides* que retomam trechos dos textos previamente lidos; há excertos de áudio e vídeo e materiais na LE para análise, cuja estruturação é pensada para facilitar o estabelecimento de conexões (LIDDICOAD *et al.*, 2003). Em outras palavras, toda aula fornece insumo linguístico e teórico para ajudar na aprendizagem da LE e no desenvolvimento profissional e intercultural do aluno de licenciatura em italiano.

A outra parte da aula é dedicada a alguma atividade de produção sobre o campo teórico da LE. Trata-se da tarefa propriamente dita, da atividade para a qual os alunos se preparam previamente. Nesse momento, os alunos discutem a teoria para um saber-fazer estabelecido pela atividade. Pode ser a elaboração de uma tabela de avaliação de um texto, por exemplo, ou a criação de um plano de aula ou, ainda, a realização de uma aula prática.

Embora a disciplina preveja o uso prevalente da língua italiana, sabe-se que o aluno se baseia em sua L1 para aprender outra língua e, assim, desenvolver a sua interlíngua<sup>3</sup>. Para compreender e produzir enunciados em uma linguagem técnica, como é a da Linguística Aplicada, estão em jogo novas sequências de operações mentais (como estruturar a ideia, recordar as palavras) e motoras (articular sons, por exemplo) e cujas operações na L1 estão profundamente enraizadas pela prática constante, sendo por isso muito difíceis de serem evitadas. Logo, é compreensível que professora e alunos recorram à L1 em diversos momentos da aula, legitimados pela abordagem intercultural e por tarefas da disciplina.

---

<sup>3</sup> O termo *Interlíngua* refere-se a um sistema linguístico estruturado e organizado, próprio de uma determinada etapa da aprendizagem de uma LE/L2. É um idioleto natural, uma versão particular e provisória que o aluno tem da LE/L2, um sistema intermediário entre a L1 e a língua-alvo (SELINKER, 1983).

Além das reuniões e da disciplina, a participação em eventos científicos tem se mostrado um procedimento didático muito positivo na formação dos bolsistas, que devem se preparar para fundamentar suas escolhas metodológicas. A preparação dessas apresentações acontece em reuniões que antecedem os eventos, momento em que os bolsistas podem ensaiar, ouvir comentários para a melhoria do trabalho, enfim, apropriar-se de conhecimentos.

#### 4.2 PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS DAS OFICINAS

Como já antecipado, bolsistas e voluntários têm total liberdade para pensar nos temas para as *Oficinas de sensibilização à língua e à cultura italiana* a serem oferecidas nas escolas. Há, porém, algumas coordenadas a seguir, tais como:

- a) O percurso de ensino/aprendizagem deve envolver os alunos em uma atmosfera intercultural, promovendo, em sala de aula, o diálogo entre culturas a partir de um olhar atento ao próprio contexto de ensino (SCHEYERL; SIQUEIRA, 2012).
- b) Os cursos NÃO podem ser preparados de acordo com as necessidades dos professores, porque “as crianças têm motivações diferentes das dos adultos”.
- c) As atividades NÃO podem privilegiar somente um tipo de conhecimento, porque “as crianças chegam na escola cheias de instinto e de habilidades que elas já começaram a usar e continuarão a usá-los para aprender a própria língua e, claro, uma língua estrangeira” (MUR, 1998, p. 5).

Diante dessas orientações, do conhecimento e das características do público-alvo e do contexto de ensino, os bolsistas e voluntários de 2017 optaram por tratar dos temas “tipicidade”, “origem” e “pertencimento” ao longo das quatro oficinas que compunham as 30 horas de atividades nas escolas. Cada oficina teve em média sete horas e meia de atividades, ou seja, cerca de quatro encontros de duas horas.

A primeira oficina, intitulada *Di dove sei?* [De onde você é?] visava a capacitar o aluno do 5º ano das CEIs atendidas pelo projeto a: a) entender os conceitos de descendência e tipicidade; b) conhecer aspectos culturais típicos italianos; e c) relacionar tais aspectos àqueles tipicamente brasileiros.

A segunda oficina foi chamada de *Prendete i passaporti, andaimo in Italia!* [Peguem os passaportes, vamos para a Itália!], cujo objetivo era conhecer algumas das grandes cidades italianas e seus “ícones” culturais. Nesse percurso, cidades como Turim, Roma, Milão e Veneza foram “visitadas” pelos alunos, momento em que puderam conhecer algum aspecto típico da cidade e confrontá-lo com algum aspecto cultural familiar a eles.

A terceira oficina chamava-se *C’era una volta* [Era uma vez] e tinha como objetivo ajudar o aluno a conhecer e reconhecer personagens italianos e brasileiros, como Pinocchio, Arlequim e a turma da Mônica e, ainda, a compreender histórias de diferentes gêneros textuais em língua italiana.

A quarta e última oficina foi batizada de *Menu, per favore!* [Menu, por favor!], cujo objetivo foi tratar de um dos elementos mais emblemáticos da Itália: a comida e ajudar o aluno a reconhecer alguns pratos italianos já incorporados à cultura brasileira.

Em todo o percurso prevaleceram atividades que previam ações com a língua italiana. Eram, pois, tarefas comunicativas que estimulavam a capacidade de adquirir novos conhecimentos e explorar ao máximo a cultura da língua estrangeira (TONELLI, 2013). Jogos, brincadeiras e atividades lúdicas também se tornavam tarefas com propósitos comunicativos para compor as oficinas.

## 5 AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES

Bolsistas e voluntários do projeto são incentivados a escrever seus “diários de aprendizagem”, nos quais podem indicar “as necessidades, as emoções, os dilemas, as descobertas e as alegrias ao longo de seus processos de desenvolvimento pessoal-profissional”, de acordo com Romero no prefácio ao livro de Reichmann (2013, p. 9).

Pode-se dizer que o gênero textual “diário de aprendizagem”, cujo objetivo é “promover o entrelaçamento entre o fazer, o refletir e o dizer da profissão docente” (DORNELLES; IRALA, 2013, p. 21), é uma “tarefa” com um aspecto “intercultural”, configurando-se, portanto, num instrumento de avaliação importante também do desenvolvimento da competência intercultural em professores de línguas em formação.

Esse é o motivo pelo qual, há alguns anos, os “diários de aprendizagem” são usados como um dos instrumentos de avaliação da disciplina *Ensino de italiano como*

LE, por meio dos quais, de certa forma, os alunos se veem forçados a refletir sobre os temas tratados ao longo do curso.

Foi por meio da leitura dos diários elaborados ao longo da disciplina que se elegeu a “tarefa” como atividade preponderante para o planejamento das oficinas de 2017. Bolsistas e voluntários chegaram à conclusão de que essa abordagem permite antever uma sequência organizada de atividades didáticas inter-relacionadas que levam ao desenvolvimento integrado de habilidades linguísticas e interculturais, a partir da interação. Por meio dessa abordagem seria possível, então, propor atividades para o uso da língua italiana, mesmo com alunos que não tinham nenhum conhecimento do idioma ou da cultura da Itália.

Foi depois da leitura conjunta de alguns trechos dos diários que os bolsistas perceberam, por exemplo, que mesmo as oficinas tendo sido planejadas para todos os grupos, foi necessário adaptá-las de acordo com o perfil do público-alvo e com o número de alunos. As oficinas, tal qual tinham sido planejadas, funcionavam muito bem com a turma com menor número de alunos; nas turmas com mais de 30 alunos, era muito difícil conseguir concluir as atividades, sendo necessário reinventá-las. Conclusão a que se chegou: aulas de línguas com número elevado de alunos não têm o mesmo rendimento das turmas reduzidas.

Os diários permitiram também rever estratégias para 2018. Os bolsistas acharam que poderiam ter escolhido apenas um tema para o ano de 2017 e tê-lo desenvolvido de diferentes formas ao longo das 30 horas de atividades. Eles perceberam que os temas das quatro oficinas poderiam ter dialogado mais para um melhor aproveitamento por parte das crianças.

Algumas constatações depreendidas dos diários:

- a) É possível falar em italiano com as crianças: elas entendem.
- b) Atividades que envolvem desenho e pintura são sucesso garantido.
- c) Aulas que preveem conhecimento prévio (que todos dominam) são mais animadas.
- d) O tempo máximo de cada atividade é 20 minutos; após, as atenções se dispersam.

Outro instrumento que mostra o quanto os bolsistas estão se apropriando de conhecimentos é a participação em eventos científicos. Os bolsistas de 2017 participaram de quatro eventos científicos até o presente momento e, no início do ano de 2018, colaboraram ministrando parte de um curso de formação de professores. Nessa

última ocasião, falaram de teoria e prática, relataram experiências de ensino, conduziram atividades em língua italiana com professores que já atuam com o idioma, mostrando que os objetivos das ações para a formação linguística e profissional no âmbito do projeto estão sendo alcançados.

## 6 AUTOAVALIAÇÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avalio positivamente o trabalho realizado em 2017 pelo Licenciado-italiano. Todas as ações são resultado de um processo de amadurecimento enquanto professora e formadora de professores de línguas e, como se trata de uma evolução, ano após ano, há novidades e desafios.

Digo sempre a bolsistas, voluntários e colegas que o trabalho realizado no âmbito do Programa Licenciado é um “trabalho de formiguinha”, não só no sentido de estarmos pacientemente fazendo um trabalho “árduo” e, às vezes, solitário, mas também no sentido mais amplo da expressão: formigas trabalham em equipe! Logo, para obter resultados, é necessário o esforço de todos, nas mais variadas funções, rumo a um objetivo comum e necessário, que, no nosso caso, é fazer com que os bolsistas aprendam não só a ensinar, mas, principalmente, a continuar a aprender em contextos escolares diversos.

Fico feliz por termos parceiros para alcançar tal objetivo. Relatei aqui as ações do projeto do italiano, mas sei que meus colegas das línguas estrangeiras também estão trabalhando arduamente para ver seus licenciandos atuarem na Educação Básica e em outros contextos de ensino.

E devagar estamos obtendo resultados bastante significativos. Estamos conseguindo mudar, por exemplo, a cultura sobre a formação de professores de línguas do curso de Letras da UFPR, que ainda adota um modelo “3+1”, isto é, disciplinas de conteúdo específico são dadas nos três primeiros anos pelos departamentos de línguas e literaturas, e apenas nos semestres finais acontecem as regências de estágio, acompanhadas por professores do Setor de Educação.

Se antes era necessário “caçar” alunos pelos corredores para participar do projeto, hoje é necessário fazer uma classificação para distribuição das bolsas; se antes a disciplina *Ensino do italiano como LE* era unicamente para o preparo dos bolsistas, hoje se mostra um espaço de formação importante para os alunos da Licenciatura desse

idioma. Nas últimas ofertas, matricularam-se também alunos do francês e do espanhol, que se esforçavam para participar das discussões usando também a sua LE. A disciplina, então, está se mostrando mais “intercultural” do que se imaginava.

E, assim, PROGRAD, COAFE, DELEM, SME e coordenadores fazem o trabalho de formiguinha na tentativa de proporcionar uma formação linguística e profissional de qualidade aos bolsistas e voluntários. Mesmo assim, há ainda muito a se fazer, principalmente no que diz respeito à valorização da disciplina de LE, tanto na escola quanto na universidade, para que os licenciados nas diferentes LEs possam atender às demandas de todos os níveis educacionais. Porque há demanda! As crianças atendidas no Projeto adoram as aulas, e os bolsistas estão cada vez mais bem preparados para atender esse público-alvo. Nesses anos todos, muitos alunos passaram pelo projeto e se descobriram professores de LE. Em entrevistas, alunos do italiano relatam que só optaram pela licenciatura depois de experimentá-la de fato, oportunidade que tiveram por meio do Licenciador<sup>4</sup>. Outros exemplos de que a participação no Projeto está ajudando na formação dos licenciandos: dois TCCs sobre o ensino de italiano para crianças já foram escritos, e ex-bolsistas têm criado propostas de ensino baseadas em tarefas para crianças de instituições privadas e religiosas de Curitiba.

E, como resume a epígrafe deste relato, “*una lingua diversa è una diversa visione della vita*” [uma língua diferente é uma visão diferente da vida]. A aprendizagem de uma LE deveria ser parte da formação integral das crianças, pois amplia o conhecimento sobre os fenômenos linguístico-culturais da própria língua, e aumenta as possibilidades de conhecimentos em outras áreas do saber, como história, geografia, artes, dentre outras.

É uma pena que “[...] as autoridades não compreendam e nem reconheçam a complexidade e a importância do ensino de línguas na educação” (DOCUMENTO SÍNTESE, 2000). O ensino de uma LE é previsto somente a partir do sexto ano do Ensino Fundamental, mesmo com todo o movimento da atualidade para a criação de escolas bilíngues.

O trabalho realizado no âmbito do *Projeto do Italiano no Licenciador* tem todas as ações fundamentadas em teorias da Linguística Aplicada, da Educação e de outras áreas que se ocupam do processo de ensinar/aprender e estão em consonância com o que atualmente se coloca para o ensino e a aprendizagem de línguas e para a formação de professores. Os alunos sempre enfatizam que se sentem muito mais preparados para dar

---

<sup>4</sup> A entrevista completa pode ser lida em Bavaresco (2015).

aula de italiano do que de português - a segunda habilitação da maioria deles-, porque ensinam uma LE desde os primeiros anos do curso. Espero continuar fazendo esse trabalho mesmo depois da promulgação da Lei nº 13.415, de 2017, que compromete o pouco espaço que outras línguas estrangeiras que não o inglês têm na Educação Básica.

Que os licenciados em línguas estrangeiras, em especial aqueles do italiano, possam ter a oportunidade de contribuir para a formação intercultural das crianças! Esse é o meu desejo.

## REFERÊNCIAS

- ALAB. *Documento Síntese do II Encontro Nacional sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras* (Carta de Pelotas). Pelotas: II ENPLE, 2000.
- BALBONI, P. E. *Didattica dell'italiano a stranieri*. Roma: Bonacci, 1994.
- BAVARESCO, Raquel. Programa Licenciar – UFPR. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Coordenação de Políticas de Formação de Professores. [website]. 14. out. 2015. Disponível em: <http://copeforufpr.blogspot.com/2015/10/programa-licenciar-ufpr.html>. Acesso em: 16 jul. 2018.
- BRASIL. *Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996* [Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional]. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996.
- BRASIL. *Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Altera a Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007 [...]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm). Acesso em: 08 maio 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental: Língua Estrangeira*. Brasília: MEC, 1998.
- BYRAM, M. *Cultural studies in foreign language education*. Clevedon: Multilingual Matters, 1989.
- CURITIBA. *Portal de Serviços de Curitiba*. Curitiba [s. n.]: [s. d.]. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/servicos/cidadao/educacao-integral/324>. Acesso em: 08 maio 2018.
- DOCUMENTO SÍNTESE do II Encontro Nacional sobre Política de Ensino de Línguas Estrangeiras (Carta de Pelotas). II ENPLE: ENCONTRO NACIONAL SOBRE POLÍTICA DE ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, Pelotas, Universidade Católica de Pelotas, RG, Brasil, 2000.
- GARCÍA, C. M. *Formação de Professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora, 1999.
- LIDDICOAT, A. J. *et al. Report on intercultural language learning*. Canberra: Department of Education, Science and Training, 2003.
- MICCOLI, L. Valorizar a disciplina de inglês e seu trabalho de professor. In: CUNHA, A. G.; MICCOLI, L. *Faça a diferença: ensinar línguas estrangeiras na Educação Básica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

- MUR, O. *Como introducir el Inglés en Educación Infantil*. Madrid: Escuela Española, 1998.
- PADILHA, P. R. *Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- ROCHA, C. H. (org.). *Língua Estrangeira para Crianças: ensino-aprendizagem e formação docente*. Campinas: Pontes, 2010.
- REICHMANN, C. L. *Diários reflexivos de professores de línguas: ensinar, escrever, refazer(-se)*. Campinas: Pontes, 2013.
- SCHEYERL, D.; SIQUEIRA, S. (org.). *Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 37-56.
- TONELLI, J. R. A. Crenças sobre ensino-aprendizagem de inglês para crianças: o que pensam as professoras participantes do projeto “avançar o saber”. In: CHAGURI, J. P.; TONELLI, J. R. A. *Perspectivas educacionais e ensino de línguas*. Londrina: EDUEL, 2013. p. 63-88.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Pró-Reitoria de Graduação e Educação Profissional. [webpage]. Disponível em: <http://www.prograd.ufpr.br/portal/copefor/licenciar/#formacaodeprofessores>. Acesso em: 17 jun. 2018.
- XAVIER, R. P. *Metodologia do ensino de inglês*. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2011.
- ZANON, J. Los enfoques per tareas para la enseñanza de lenguas extranjeras. *Cable. Revista de Didácticas del Español como lengua extranjera*. (5), 1990, p. 19-27.

Data de recebimento: 07/03/2019  
Data de aprovação: 02/05/2019